

As analogias e metáforas que coordenam a concepção de *Afetividade* em Henri Wallon

Sabrina Moreira Lopes

Orientadora: Professora Dra. Rita Pimenta

RESUMO

Neste artigo, o leitor encontrará uma análise retórica do discurso de Henri Wallon presente em seu livro *A evolução psicológica da criança (1981/1941)*. A presença da afetividade no contexto escolar se mostra cada vez mais importante, atualmente, diante do automatismo que tem tomado as salas de aula. Neste artigo, portanto, nosso objetivo foi descobrir como Wallon usou da persuasão para convencer seus leitores sobre a importância da afetividade, não só acerca do conteúdo escolar, mas para a vida toda, recorrendo a metáforas e analogias, que reforçam sua argumentação a respeito do valor pedagógico exercido pela afetividade. O caminho percorrido se iniciou na pesquisa de trabalhos de conclusão de curso de pedagogia de instituições públicas federais e estaduais a fim saber como os formandos estavam descrevendo a afetividade por si mesmos, posteriormente trouxemos para esse trabalho o que é a Retórica e por fim analisamos o discurso de Henri Wallon.

Palavras-chave: Afetividade; Henri Wallon Analogia; Metáfora; Retórica.

Introdução

O tema afetividade, no campo educacional, sempre me tocou, principalmente na relação aluno e professor. Mas foi com a chegada da maternidade que decidi me dedicar a este tema e trabalhar para entender sua importância.

Ao colocar meu filho na creche, tendo a necessidade de retornar ao mundo do trabalho e aos estudos, após a licença maternidade, senti-me insegura e incapaz de deixá-lo nas mãos das professoras, pessoas até então desconhecidas por mim e pelo bebê. Mesmo sabendo que aquelas profissionais eram pessoas capacitadas, eu sentia que o afeto poderia estar ausente dentro da creche. E, como pedagoga em formação, desconheci-me no momento em que eu não conseguia confiar no trabalho pedagógico de outra profissional.

Relacionei-me com algumas mães que estavam passando pelo mesmo momento, e pude constatar que eu não estava só nesse lugar onde a insegurança me tocava.

As mães que conheci passaram por diferentes experiências nessa jornada. Algumas começaram tratamento psicológico ao atravessar esse momento de rompimento momentâneo do vínculo com os filhos, outras deixaram o trabalho e outras superaram com o tempo, porém, todas com cicatrizes. Relataram como foi difícil viver aquele momento de necessidade, em que o filho era entregue aos cuidados de uma pessoa que não era familiar, temendo que os filhos fossem assistidos sem afeto.

Nas conversas com as professoras daquela creche ouvi, também, vários de seus relatos contando que esse sentimento das mães, ao deixarem os filhos nas creches, era cotidiano e que, muitas vezes, as professoras precisavam passar mais confiança para as mães do que para as crianças que chegavam na escola.

Procurando por uma referência de educação mais afetiva, explorei alguns textos falando sobre o assunto e sua importância na formação educacional da criança. Assim, debruicei-me em investigar como a afetividade pode contribuir para o ensino-aprendizagem da criança na educação infantil.

Inicialmente, muitas foram as questões a respeito da afetividade. Por exemplo, como ela é trabalhada na educação infantil e com qual relevância?

Motivada pelo interesse em investigar o tema da afetividade, iniciei um percurso de estudos considerando a literatura mais atual, para verificar como está sendo tratado esse assunto e se, de fato, a afetividade está sendo vista com pertinência dentro da escola e pela comunidade escolar. Afinal, qual a visão da afetividade para os pedagogos em formação? É somente uma paixão ou está sendo usada como uma ferramenta educacional?

No mundo extraescolar, a afetividade tem sido deixada de lado, algumas vezes, dando espaço para coisas que se pode impor valores numéricos, como obter sucesso em provas, ir bem na escola com notas altas, ser bem classificado nas listas de faculdades, deixando assim, o conhecimento de lado e exigindo a quase “qualquer custo” que os alunos sejam bons reprodutores de números e médias altas, não importando com o preço que os alunos pagarão por isso.

Considerando que a afetividade faz parte da construção do desenvolvimento do cognitivo do ser humano esse tema se torna um fator importante que precisa ser investigado a fim de contribuir para a educação escolar e para a vida.

Tendo em vista as premissas acima, e considerando o momento crítico no qual nos encontramos, uma pandemia, entendemos ser mais prudente, mesmo com um início de uma flexibilização e retorno às aulas, não realizarmos uma pesquisa de campo, mas construirmos um trabalho estritamente teórico.

Uma caminhada em busca das primeiras definições acerca da afetividade

Nessa nossa busca, como já dissemos, propomo-nos investigar como a noção de afetividade está sendo tratada dentro do campo educacional. O início dessa investigação começa com a busca em dicionários. Optamos por mostrar, inicialmente, o que alguns dicionários dizem a respeito da afetividade.

Segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis (2022), a afetividade é registrada como o “conjunto de fenômenos psíquicos que se revelam na forma de emoções e de sentimentos”.

Já no Dicio (2021, recurso online), Dicionário Online de Português, a afetividade está relacionada ao conjunto de fenômenos afetivos, tendências, emoções, sentimentos, paixões dentre outros.

Para o dicionário da Língua Portuguesa Priberam (2021), a afetividade é definida como a faculdade afetiva, qualidade do que é afetivo, uma função geral, sob a qual se colocam os fenômenos afetivos.

Na área da filosofia Nicola Abbagnano, define afeto como:

O conjunto de atos ou de atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc., que, no seu todo, podem ser caracterizados como a situação em que uma pessoa “preocupa-se com” ou “cuida de” outra pessoa [...] é a necessidade de ser compreendido, assistido, ajudado nas dificuldades, seguido com olhar benévolo e confiante. Nesse sentido, o afeto não é senão uma das formas do amor. (ABBAGNANO, 2007, p.21)

Diante das definições pesquisadas, podemos perceber que a afetividade é algo indissociável do ser humano, haja vista que o ser humano é um ser que ama, emociona-se, tem sentimentos, relaciona-se, sente afeto, tem ligação com o cuidar e se preocupa com outro.

Além dos dicionários, averiguamos artigos que foram produzidos por formandos entre o período de 2020 e 2021, em instituições públicas federais e estaduais brasileiras.

A pesquisa, nos referidos artigos, possibilitou-nos ter uma visão de como está sendo tratada a afetividade no campo acadêmico, dentro desse período de tempo, permitindo-nos saber

se está sendo usada como ferramenta pedagógica ou paixão e, também nos permitiu saber como os autores estão argumentando acerca da importância da afetividade dentro da educação infantil.

Segundo Souza (2020), a afetividade é algo intrínseco ao ser humano. Segundo ela:

Partindo do pressuposto que a afetividade vem de tudo que nos toca, é necessário compreender que quando falamos de afeto, falamos também sobre os limites e frustrações, pois gera comoção e faz parte da relação da natureza e cultura. (SOUZA, 2020, p.13)

Mais adiante Souza (2020, p.15) afirma que “afetividade, de certo modo, é um dos pontos importantes na vida humana”.

Em Delgado (2020, p.20) verificamos que a afetividade está intimamente ligada à aprendizagem. Já Lima (2020, p.8), em seu texto descreve que “a afetividade está presente em todos os lugares e entre as pessoas e esta pode influenciar positivamente na aprendizagem do aluno.”

E acrescenta:

O pensamento e a afetividade são indissociáveis na constituição do homem. (...) a afetividade e a qualidade da relação professor-aluno-objeto são essenciais no processo de internalização de conceitos e desenvolvimento dos alunos. (LIMA, 2020, p.14)

Podemos perceber que as duas últimas autoras enxergam em suas definições que a afetividade está diretamente ligada à aprendizagem.

Seguindo com Guedes (2021) destacamos que o autor conceitua a afetividade como:

A afetividade tem um papel importante nas relações humanas e consequentemente na Educação. Sua influência precisa ser notória quando o assunto é relações com crianças, pois lidar com este público na vida em geral ou na instituição de ensino requer de nós adultos sentimentos de compreensão, atenção, carinho e, sobretudo, de respeito às crianças. Sendo assim, acredita-se na afetividade como um ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo [...] (GUEDES, 2021, p.16)

Guedes (2021) continua escrevendo sobre a afetividade no decorrer do texto:

A afetividade é um dos fatores que colaboram para o aprendizado e o desenvolvimento integral de crianças [...] A afetividade é de crucial relevância na construção moral e cognitiva das crianças, entretanto a afetividade pode contribuir na aprendizagem de indivíduos de qualquer idade. (GUEDES, 2021, p. 31)

Podemos notar que este autor já defendeu com mais afinco a afetividade junto com a aprendizagem, vinculando-a não só à infância, mas para qualquer idade.

Ainda na busca das definições, temos em Cardarelli (2021, p. 15) que “a afetividade está diretamente relacionada ao modo como o indivíduo se comporta, mediante a visão de mundo, por estar correlacionada à emoção.” A autora ainda afirma o seguinte:

Assim, a afetividade está incumbida de propiciar os meios necessários para a criança se desenvolver em meio às relações entre os sujeitos, a partir das experiências vivenciadas. (CARDARELLI, 2021, p.31)

Riciolli (2020, p.28), nos seus escritos ressalta que “o afeto é um sentimento que constitui a afetividade humana e significa um conjunto de fenômenos físicos que se pode observar com relação às emoções, sentimentos e paixões”. Reafirmando a importância da afetividade, Riciolli (2020, p.29) define que “a afetividade é um sentimento que está baseado na confiança, no carinho, no respeito na admiração e que faz com que nossa autoestima eleve.” A autora continua:

Entendemos que a afetividade é parte integrante do indivíduo, sendo importante por toda a vida, porém, quando se diz que na infância é um fator determinante, queremos expressar que, a criança é um indivíduo que está em pleno desenvolvimento e precisa de estímulos. (RICIOLLI, 2020, p.36)

Siqueira e Sampaio (2021, p.26) ressaltam que “a afetividade tem a capacidade de modificar o comportamento do sujeito dentro das relações interpessoais” e reforça que:

A afetividade está presente nas pessoas, nas relações familiares, nas relações sociais, são vínculos que são estabelecidos durante a vida, e na escola não é diferente, se torna cada vez mais evidente essa afetividade, os processos educacionais e as questões emocionais caminham juntos. (SIQUEIRA E SAMPAIO, 2021, p.35-36)

Ainda na pesquisa dos trabalhos que discutem a afetividade, na Universidade Federal de Minas Gerais, Souza (2020, p.11) defende no seu texto:

As relações humanas são permeadas pelo afeto e as decisões que tomamos tem relação com a afetividade. [...] O afeto como fator do desenvolvimento pedagógico é importante para dar sentido às proposições feitas pelo professor ao aluno, como também dar sentido ao seu processo de ensino aprendizagem.

Depois deste levantamento, a respeito das definições sobre afetividade, podemos perceber o quanto esse tema mobiliza investigações.

Nossa intenção inicial era realizar uma pesquisa de campo a respeito do tema da afetividade. Entretanto, como já mencionamos, a pandemia foi e continua sendo um fator limitante.

Considerando isso, optamos por realizar uma análise retórica acerca do discurso de Henri Wallon, observando especialmente o livro *A evolução psicológica da criança (1981/1941)*. Por seus estudos, envolvendo a afetividade e por ser reconhecido como um dos maiores teóricos que levam em consideração a criança na sua integralidade, emocional e social, escolhemos analisar retoricamente o discurso de Wallon.

Cabe, dentro desse contexto, antes fazer uma breve exposição do que é a retórica e, dentro disso, as metáforas e analogias.

Uma apresentação sobre a Retórica

Para definir a retórica, vamos usar como texto-base o livro *Introdução à retórica*, de Olivier Reboul (2004).

Segundo esse autor, a retórica é uma arte, a arte de persuadir um público somente pelo discurso, a arte de falar bem. Entenda-se por discurso uma fala ou um texto com intenção de persuadir os ouvintes ou leitores.

Situando desde o início, para podermos compreender melhor esse tema, temos que saber que a retórica nasceu na Grécia e, dentre as utilidades dela naquela época, tinha também o intuito de resolver problemas que surgiam na pólis (cidade).

Quando existiam conflitos de difícil resolução, os discursos retóricos serviam de apoio, como um guia para buscar um consenso entre as partes. Primeiramente, o caráter da retórica servia para resolver problemas de temas jurídicos, que apareciam na cidade e foi se desenvolvendo, ganhando notoriedade e aparecendo em outras áreas.

Os discursos, naquela época, apareciam em forma oral ou escritos e tinham a intenção clara de afetar, elucidar, convencer, persuadir ou trazer ao entendimento de todos que os ouviam o pensamento do orador, que era quem pronunciava o discurso. Eram dotados do poder de prender a atenção do público, faziam com que sentissem algo ao ouvir o pronunciamento e, como uma arte que é, o discurso, tocava quem ouvia.

Doravante, para clarear nosso entendimento, vamos chamar de orador aquele que fala ou pronuncia o discurso e chamar de auditório aquele ou aqueles que o ouvem, conforme Reboul (2004).

No sistema retórico, os discursos utilizam-se da afetividade para convencer o auditório: esse é o diferencial da retórica. Eles têm o poder de persuadir e, claramente, tomam para si um ponto de vista e o expõe usando da técnica e do poder que a persuasão traz.

Segundo Olivier Reboul (2004), a retórica consegue atingir e prender a atenção do leitor ou ouvinte, pelo fato de o discurso recorrer à afetividade, pois são os elementos centrais da retórica: o *ethos* e o *pathos*.

O *ethos* está ligado à moral de quem fala, ou seja, imprime um valor no discurso de acordo com quem está emitindo, ou seja, dá credibilidade ao discurso, por exemplo um médico ao se pronunciar sobre uma doença, a respeito da qual ele é especialista.

O *pathos* compreende o conteúdo emocional do auditório. É capaz de evocar simpatia, raiva, piedade, alegria e outros sentimentos no auditório e, para atingir esse campo, são colocados termos no discurso para afetar quem ouve, para que sinta as emoções que o orador deseja, por exemplo, em um tribunal do júri, onde o promotor deseja que o júri sinta indignação ou sofrimento diante da causa, ele recorre ao *pathos* do auditório.

Sabendo que a razão e a emoção são inseparáveis, o orador usa esse conhecimento para convencer. Primeiramente, ele busca conhecer bem o auditório e usa desses instrumentos retóricos para alcançar esses campos afetivos. Ao pronunciar o discurso, o orador se utiliza ainda de entonação de voz, gestos durante o pronunciamento do discurso, uso de metáforas, analogias, dentre outras estratégias retóricas.

Outro campo que a retórica toca é o *logos*, que tem ligação com a lógica, é através desse campo que o orador explora a razão dos ouvintes, com a intenção de persuadi-los e fazer com que se posicionem dentro do discurso. Para isso, ele faz uso de premissas, que levam o auditório a concluir e raciocinar o que o orador está defendendo.

Os aspectos afetivos da retórica são essenciais para que a persuasão aconteça, pois o auditório é composto de pessoas cheias de sentimentos e emoções.

As metáforas e analogias

Os termos e palavras usados intencionalmente pelo orador podem ser expressos por figuras de linguagem e de sentido, mas, aqui, vamos nos limitar a apresentar aspectos da metáfora e da analogia. Esta e aquela são cuidadosamente colocadas com o propósito de reforçar argumentos, levando o público que ouve ou lê a tomar uma posição quando se depara com o discurso. Por isso, é atribuído à retórica o poder de levar o público a concordar ou discordar do autor.

A retórica é usada no dia a dia, e, às vezes, absorvemos e não sabemos, por exemplo, hoje em dia, a retórica é usada no marketing, propagandas e em rótulos de produtos, com a intenção de tocar o leitor, convencê-lo a beber determinada bebida, ouvir uma música, vestir tal

marca, comprar tal carro, etc., pois são estrategicamente criadas, usando de termos e premissas cuidadosamente escolhidos.

Algumas das figuras de sentido que vamos destacar aqui são as metáforas e as analogias. As metáforas são usadas para significar conceitos, são comparações abreviadas com o intuito de trazer para o entendimento de todos o que o orador, aquele que fala, está querendo transmitir, persuadir ou trazer à luz através do seu diálogo ou texto. São comparações implícitas, capazes de trazer ao imaginário determinado conceito ou criar um sentido, para o que o orador está transmitindo ao público.

A metáfora faz uma relação de semelhança de uma coisa com a outra, gerando um novo sentido para aquela coisa. Por exemplo, no soneto de Luís Vaz de Camões (1524-1580) “amor é fogo que arde sem se ver”, atribuindo uma figura para o que é o amor, criando uma imagem no imaginário de quem lê, pois já que não se sabe o que é o amor em si, que forma ele tem, a metáfora de Camões traz a imagem de um fogo, ilustrando-o.

Já as analogias são relações de semelhança entre termos diferentes. É necessário que se encontre pontos de semelhança entre as ideias comparadas para que a analogia aconteça. Faz com que os termos estabeleçam uma relação de similaridade em algum ponto, tornando o conteúdo mais conhecido e favorecendo o entendimento como, por exemplo, “a morte está para a vida, como a cegueira para a visão”. Na retórica, muitas vezes, a intenção é criar um novo sentido para o termo, com o intuito de levar o auditório a pensar sobre o que o orador está falando e tomar posição dentro do discurso.

Segundo Reboul(2204), é claro que a retórica dos tempos de hoje não é a mesma de quando se iniciou na Grécia, mas ela vive. Ainda os discursos mais persuasivos estão impregnados da arte da retórica.

A retórica já foi mocinha e bandida nesse mundo dos discursos, principalmente na Grécia antiga, porque algumas pessoas usaram da persuasão para atingir os objetivos nem sempre tão honestos, e por isso ela já foi duramente criticada, porém seu valor e potencial devem ser reconhecidos, assegura Reboul (2004).

Na pedagogia, por exemplo, a retórica pode ser claramente usada no sentido de ensinar, pois o professor é como um orador, ao passo que ele conhece o assunto que deseja transmitir, conhece o público que quer atingir e pode usar de técnicas para falar, portanto, partindo disso, a retórica pode ser uma aliada dentro de sala de aula, desde que o professor consiga dominar as técnicas de linguagem e conheça seu auditório.

Reboul (2004, p. 104-105) diz que “o professor é um orador, que, como todos os outros, deve atrair e prender a atenção, ilustrar conceitos, facilitar a lembrança, motivar ao esforço.”

Foi exatamente considerando esses aspectos que juntamos nosso tema sobre afetividade com a retórica, haja vista que a retórica usa da afetividade para atingir seu objetivo e o professor, como um orador dentro de sala, está a todo tempo perpassando o campo da afetividade dos seus educandos, para estabelecer o ensino e buscar a compreensão dos conteúdos.

Podemos inferir que a afetividade pode ser um instrumento pedagógico maravilhoso dentro de sala de aula, seja para qualquer segmento, não somente na educação infantil.

Como já nos pronunciamos, no final da primeira parte deste artigo, nossa intenção inicial de investigação foi modificada por causa da pandemia, mas a necessidade de investigarmos a afetividade não foi alterada. Como nos aproximamos da análise retórica, refletimos sobre qual discurso poderíamos analisar tendo em vista o nosso objetivo de investigação. Na esteira dos mundos discursivos possíveis, fizemos a opção por realizarmos a análise retórica do discurso de Henri Wallon na obra *A evolução psicológica da Criança* (1981/ 1941), considerando a importância da noção de afetividade em seu pensamento.

A noção de Afetividade em Henri Wallon

Para começar essa seção, vamos falar um pouco do nosso autor Henri Wallon, e sua concepção de afetividade.

Conforme Gratiot-Alfandéry (2010), Wallon nasceu em 1879 em Paris, numa família burguesa e cresceu numa esfera democrática e republicana. Aos 22 anos de idade, ingressou no campo da filosofia e um ano depois na medicina. Estudou também psicologia para, posteriormente, especializar-se na psiquiatria, principalmente a psiquiatria infantil, onde fez inúmeras observações com as crianças. Nosso autor foi deputado, ministro e professor, sempre muito engajado politicamente.

Trabalhou como médico na Primeira Guerra Mundial, em 1914, e quando voltou à vida civil, não se identificava mais com os tipos de observações que havia feito antes de ir para a guerra, decidindo dedicar-se à psicologia da infância e fazer novas observações para compreender melhor o desenvolvimento infantil.

A ideia principal que Wallon defendeu em suas observações era de que a afetividade estava ligada ao desenvolvimento cognitivo da criança. Seus estudos foram dentro da psicologia genética e, por levar em consideração a afetividade, eram excepcionais para sua época, tornando-o um dos principais teóricos a falar da afetividade e da emoção no processo de desenvolvimento. Tais estudos trouxeram-lhe tanto reconhecimento que Wallon foi chamado a ministrar conferências em Sorbonne, a mais tradicional universidade francesa.

Wallon era muito avançado para sua época e mantinha contatos com muitos educadores e estudiosos ligados ao desenvolvimento infantil como Maria Montessori, Ovide Decroly, Freinet e outros.

Preocupado com as aplicações práticas, Wallon abriu um consultório e nele pôde atender as crianças e também praticar seus métodos de observação, desenvolvendo seus estudos. Nessas observações, notou a integralidade das crianças, permitindo dizer que os meios sociais e orgânicos eram importantes no seu desenvolvimento. Segundo Gratiot-Alfandéry (2010), ele acreditava que a observação permitia apontar problemas, mas eram os problemas colocados que permitiam a observação.

Em 1948, fundou a revista *Enfance*, onde publicava sobre as observações e os estudos que ele conduzia. Sua obra conta com mais de uma dezena de livros, com numerosas reimpressões e centenas de artigos.

Em seus estudos, ao analisar e observar as crianças, notou que o desenvolvimento mental infantil não era linear, ou seja, não seguia uma regra e foi, então, que Wallon começou a dizer que o desenvolvimento dependia da maturidade de cada criança.

Wallon escreveu que o desenvolvimento da criança se desdobra em 5 estágios, dos quais 3 deles são predominantemente afetivos: estágio 1 (0-1 ano), estágio 3 (3-6 anos) e estágio 5 (a partir de 11 anos).

Para Wallon, segundo Gratiot-Alfandéry (2010), as crianças, ao serem afetadas por meios externos (como olhares de reforço ou reprovação de outros) e os meios internos (como a fome), entram em um momento que Wallon chama de crise e ao superá-la a criança se desenvolve.

Antes de começarmos a análise retórica do texto *A afetividade*, de Henri Wallon, que se encontra no capítulo IX do livro *A evolução psicológica da Criança* (1981), pretendemos passar por alguns itens contidos no livro de Gratiot-Alfandéry (2010).

A começar pelo subtítulo: *Entendimento dialético dos estágios de desenvolvimento*, para explicar melhor como ele dividiu os estágios.

Segundo Gratiot-Alfandéry (2010), na teoria psicogenética de Wallon, a afetividade está relacionada à inteligência e o desenvolvimento da criança é marcado por rupturas, não sendo lineares como Piaget defendeu:

Para Wallon, o surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-as e ressignificando as. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.34)

Wallon separou em 5 estágios o desenvolvimento infantil, não segmentando por idade, pois, como já dissemos, ele entendia que o desenvolvimento era ligado à maturação de cada criança.

O Estágio 1, denominado por Wallon como Impulsivo (0 a 3 meses) e Emocional (3 meses a 1 ano) é predominantemente afetivo, pois é nesse estágio que a criança estabelece suas primeiras relações com o outro, especialmente através do choro que é seu primeiro impulso para se comunicar.

O Estágio 2 é constituído pelo Sensório-motor (12 a 18 meses) e Projetivo (3 anos), difere-se por ser um estágio prático e de imitação, onde a criança começa a entender os mecanismos de comunicação através da linguagem e se relacionar com o outro.

No Estágio 3, forma-se com o Personalismo (3 a 6 anos), Crise de Oposição (3 a 4 anos), Idade da Graça (4 a 5 anos) e Imitação (5 a 6 anos) e é denominado por Wallon como predominantemente afetivo também, pois é nesse período que o indivíduo forma a personalidade e adquire autoconsciência, usando-se da imitação ou oposição ao adulto, percebendo as posturas sociais e adaptando-se ao meio.

No Estágio 4, chamado Categorical (6 a 11 anos), há o predomínio da inteligência e da exterioridade. Nele a criança avança para o pensamento abstrato e raciocínio simbólico, aprendendo a usar a memória voluntária, a atenção e o raciocínio associativo.

O último estágio, que se estende até o final da vida, é o Estágio 5, chamado de Adolescência (a partir de 11 anos). É caracterizado mais uma vez pela afetividade, pois nesse período é que o indivíduo volta-se para si, para se autoafirmar e lidar com as transformações da sexualidade.

Diante desses estágios, podemos notar que Wallon destacou a afetividade na maioria deles e deixou claro que o indivíduo depende da afetividade ao longo de toda a existência:

Afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento, alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.36)

O destaque que Wallon dá para a afetividade como central na construção da pessoa, reforça nosso estudo de análise retórica de seu discurso acerca da afetividade.

Segundo Wallon, o bebê quando nasce faz uso do choro para sobreviver e esse ato, comove seu cuidador(a), para se mobilizar em atender a sua necessidade. Nisso, o indivíduo estabelece as primeiras relações com o outro, sendo esse choro, como diz Wallon, uma expressão puramente emocional por ser capaz de afetar o outro.

Os gestos desordenados pelo recém-nascido são ações motoras, que também estabelecem uma relação quando compreendido pelo cuidador(a), sendo visto por Wallon como uma expressão de afetividade. Com isso, Wallon afirma que toda expressão emocional é social, pelo fato de estabelecer uma relação:

O ato motor no ser humano garante desde o início a função de expressão da afetividade (por meio dos gestos, expressões faciais e agitação corporal). Essa atividade expressiva, possibilitada pela atividade motora, regula, modula e produz estados emocionais. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.37).

Nesse sentido, Wallon afirma que a atividade motora, presente desde o nascimento é também uma forma de comunicação entre o bebê e o social, e que com o desenvolvimento da linguagem os atos motores tendem a ser menos desordenados.

Depois de transitarmos por essas questões, para descrever como Wallon caracterizava a importância da afetividade no desenvolvimento da criança, vamos concentrar no capítulo *A afetividade* (Wallon, 1981), procurando extrair as analogias e metáforas contidas nesse texto, a fim de ver como nosso autor recorre a elas para reforçar a importância da afetividade.

Uma análise retórica das analogias e metáforas que coordenam e estruturam a noção de Afetividade em Henri Wallon

Nossa pesquisa encaminha-se, agora, efetivamente, para a análise retórica sobre a noção de afetividade em Henri Wallon. A referida análise tomará como ferramentas aquelas fornecidas pela retórica. De modo particular presente no livro *A evolução psicológica da criança*, capítulo IX, intitulado *A afetividade*, examinaremos as principais metáforas e analogias expressas no discurso de Wallon, utilizadas para sustentar a defesa da importância da afetividade. A intenção dessa análise não é ser exaustiva na apresentação de todas as metáforas e analogias, mas mostrar aquelas que, na nossa avaliação são mais expressivas.

O texto em análise começa na página 145, falando do choro do bebê, esse, como citado antes por Wallon, é o primeiro vínculo de afeto do indivíduo, relatando que sua motivação está ligada ao lamento ou pressentimento com *algo mítico*¹:

O grito do recém-nascido, grito de aflição, segundo Lucrece, perante a vida que se abre diante dele, grito de angústia, segundo Freud, no momento em que se separa do organismo materno, não significa outra coisa para o fisiologista que um espasmo da glote, acompanhado dos primeiros reflexos respiratórios.

¹ Grifos nossos. Fizemos a opção por destacar em itálico as metáforas e analogias.

A sua motivação psicológica pelo pressentimento ou desgosto e de facto, um tanto mítica (WALLON, 1981, p. 145).

O autor recorre à metáfora ao usar o termo *mítica*, buscando reforçar uma ideia de ser algo além de orgânico, pois o termo está ligado ao mito, heroico, ou seja, sobrenatural (superior ao que é natural). Reforça que o choro é emocional, ao passo que cita que para Lucrecio, é um choro de desespero, e para Freud, um choro de angústia, ambos relacionados a sentimentos, fazendo com que o leitor seja induzido a concordar que sim, o choro realmente é uma expressão emocional. Ao passo que, quando escreve “para o fisiologista”, Wallon não cita ninguém, coloca como alguma pessoa, qualquer fisiologista, diminuindo o argumento de que seja apenas um espasmo da glote.

Ainda na mesma página, para definir um espasmo mais evoluído, o autor escreve:

Digamos, de um modo mais específico, que não é possível distinguir no espasmo o movimento da sensibilidade, como mais tarde as sensibilidades dos movimentos de tipo mais evoluído, de circuito mais extenso e mais diferenciado (WALLON, 1981, p. 145).

Wallon faz uso do termo *circuito*, usando novamente uma metáfora ao colocar essa palavra ligada a eletricidade. Utiliza esse recurso para reforçar e persuadir que se trata de um conjunto de componentes conectados, que desempenham uma função específica, assim como na eletricidade.

O autor metaforiza mais uma vez, na página 146, quando usa a palavra *fonte*, ao criar uma imagem mental para falar novamente dos espasmos. A palavra *fonte*, traz um sentido de renovação, algo valioso e original, pois traz uma ideia de origem para o texto. Portanto nessa metáfora, Wallon persuade o leitor que os espasmos são originais, quando escreve “Alguns espasmos, como é o caso do orgasmo venéreo, podem ser fonte de prazer.” (Wallon, 1981, p. 146).

Na página 146, Wallon usa a palavra *tensão* para citar que o prazer e o alívio acompanham os espasmos, quando uma emoção é liberada e por tal termo ser usualmente ligado a eletricidade, nosso autor está, mais uma vez, criando uma imagem mental para descrever esse movimento, ou seja, usando metáfora para trazer para o seu texto que é uma força que age. Ele descreve: “O prazer ou o alívio parecem acompanhar os espasmos em que se despende uma tensão excessiva em demasia.” (WALLON, 1981, p. 146)

Adiante, na página 147, encontra-se presente mais uma metáfora, quando Wallon associa outra imagem no texto ao usar o termo *maciça*, para escrever sobre a contração dos músculos,

metaforizando, pois é um termo ligado à matéria, física, algo que seja palpável. A palavra *maciça*, tem como um de seus sinônimos referência a algo inabalável, valioso. Ainda nesse mesmo momento parágrafo, aparece o termo *tetaniforme*, termo patológico, para descrever o movimento dos espasmos, criando uma imagem relacionada ao movimento que a doença tétano causa do corpo:

A contraccão é maciça, tetaniforme, propaga-se como uma onda, atingindo especialmente a musculatura vertebral e a musculatura próxima, quer dizer, aquela que servira sobretudo para a estabilização dos movimentos e para o equilíbrio do corpo (WALLON. 1981, p. 147).

Ainda na página, 147, o autor escreve: “É a uma estimulação labiríntica brutal, a uma impressão de queda, que estão ligadas as reações da primeira emoção nitidamente diferenciada na criança: o medo”. Quando Wallon escreve *estimulação labiríntica brutal*, o autor vai criando uma imagem de que o medo na criança é forte, agressivo e confuso, causando uma impressão emocional no leitor quando coloca essas palavras, já que elas têm a ver com a afetividade e emoção. *Labiríntica* remete o leitor a um labirinto, espaço geográfico, que traz uma ideia de confuso e ao criar essa imagem, está metaforizando. Quando menciona *brutal* traz à lembrança a violência de algo ou alguém, persuadindo uma emoção e causando uma impressão forte do leitor. Outro termo que Wallon usa nesse trecho é “impressão de *queda*”, onde cria uma imagem caída brusca, repentina, usando de retórica em seu discurso.

Para qualificar que as emoções são comuns, na página 148, especificamente no primeiro parágrafo, Wallon faz o uso do termo *global* para descrever uma maneira de reação das crianças diante das emoções, causando no leitor a imagem de geral, comum a todos, já que, primariamente, o termo *global* está ligado a um termo geográfico.

Ainda sobre emoções, o autor usa, metaforicamente, o termo *dá o tom ao real*, frisando para o leitor que, sem a emoção, a realidade seria diversa e ilusória, induzindo e reforçando que ela é funcional na vida e que, o que vemos ou sentimos diante de determinada situação, depende da leitura que a emoção faz.

Ainda nesse trecho, reforçando toda sua retórica, Wallon insere no texto a palavra *frequente*, termo que indica repetição periódica ou costumeira de algo, induzindo que acontece o tempo todo, levando o leitor a concordar, mais uma vez, que sim, tudo é ligado à emoção:

As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que correspondem, cada uma, a uma determinada espécie de situação. Atitudes e situação correspondente implicam-se mutuamente, constituindo uma maneira global de reagir de tipo arcaico frequente na criança. Opera-se então uma totalização indivisa entre as disposições psíquicas, orientadas todas no mesmo sentido, e

os incidentes exteriores. Disso resulta que, muitas vezes, é a emoção que dá o tom ao real (WALLON, 1981, p.148).

Ainda nesse mesmo parágrafo, ao escrever sobre a emoção que “Ela é, com efeito, como que uma espécie de prevenção que depende mais ou menos do temperamento, dos hábitos do indivíduo [...]” o autor determina uma analogia ao comparar a emoção, para dizer que é uma *espécie de prevenção*, persuadindo o leitor a pensar que a emoção é uma coisa boa, já que a prevenção é sempre uma coisa boa, positiva e que evita um mal.

Na página 149, o autor continua escrevendo:

Entre as atitudes emocionais dos sujeitos que se encontram num mesmo campo de percepção e de acção, institui-se muito primitivamente uma espécie de consonância, de acordo ou de oposição. O contacto estabelece-se pelo mimetismo ou contrastes afectivos. É assim que se instaura uma primeira forma concreta e pragmática de compreensão, ou melhor, de participacionismo mutuo. O contágio das emoções é um facto comprovado variadíssimas vezes. (WALLON, 1981, p. 149).

Podemos perceber que nesse trecho, Wallon faz uso de metáforas quando escreve as palavras *campo* e *contágio*. A primeira, *campo*, cria uma imagem de algo grande, aberto, pois o termo está ligado a um lugar, espaço físico, e a segunda, *contágio*, também metaforizando, cria uma imagem de que se espalha rápido, pois o termo usualmente é ligado a alguma doença que se espalha e por ser um termo extraído do domínio técnico, o autor está recorrendo a uma metáfora.

Para designar o poder do afeto sobre a criança, Wallon faz uso do termo *influências* dizendo que são determinantes na evolução da criança, trazendo para a afetividade um sentido de autoridade, gerando uma imagem de um movimento físico que age sobre algo. Completando com o termo *rodeiam*, ele traz a imagem de movimento, termo ligado à mecânica que significa envolvimento. E assim vai persuadindo que a afetividade circula a evolução da criança. Mais à frente, ainda falando da emoção, nosso autor faz uso do termo *mistura*, que é um termo que vem da química, para dizer que “o social se *mistura* ao orgânico”, ou seja, são unidos, fundidos, misturados e assim como uma liga metálica, formam um todo:

As influências afectivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma acção determinante na sua evolução mental. Não porque originem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas, pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que eles vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermédio, as reacções íntimas e fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico. (WALLON, 1981, p. 149-150).

O trecho que se segue, retirado da página 152, mostra como o autor se valeu de muitas metáforas para ilustrar, criar uma imagem mental no leitor para explicar que, quando a emoção vai se tornando mais precisa, ela reduz a afetividade. Ao usar os termos *onda propagadora*, Wallon usa de mecânica para indicar uma continuidade. Ainda nesse trecho, faz uso da palavra *diques*, que é um modo de contenção usado na engenharia para conter enchentes e transformações de rios, ilustrando como são contidas as emoções. A palavra *contagiosa*, dando a ideia de que se espalha rápido e para confirmar e fortalecer a ideia de rapidez, Wallon insere os termos matemáticos *potência* e *multiplica*:

Mas à medida que, ao irem-se tornando mais precisos, o seu significado os torna mais autônomos, eles separam-se da própria emoção. Em vez de serem a sua onda propagadora, tendem a reprimi-la, a impor-lhe diques que destroçam a sua potência totalizadora e contagiosa. A mímica, mal se torna linguagem e convenção, multiplica as tonalidades, as simplicidades tácitas, os subentendidos e os enganos, ao contrário do arrebatamento unânime que é uma emoção autêntica. (WALLON, 1981, p. 152).

Chegando no fim do capítulo que nos propusemos a analisar, temos na página 153, o uso da palavra *circuito*, termo ligado a eletricidade, para dizer da criança que não sabe lidar com uma relação e tem reação inesperada. Ao usar o termo ruminar, o autor mostra que o sentimento fica na criança, assim como os animais bovinos e equinos ruminam seu alimento, a criança fica “mastigando” e tentando entender o que está acontecendo:

Procurar que participe nessas relações só a fará por rabugenta e de mau humor, pela sua falta de capacidade e de gosto pelos contactos demasiados. Parece encerrar em si mesma o circuito das suas impressões; frequentemente entredida a chupar o polegar, ruma-as dentro de si. (WALLON, 1981, p. 153).

Por fim, continuando na página final, número 154, nosso autor Wallon faz uso do termo “*frenéticos*”, termo patológico, trazendo uma comparação de como o sentimento de ciúme surge na criança, trazendo-o como exaltado, cheio de frenesi, intenso, reforçando no leitor que a criança, por ainda não saber lidar com o impulso das emoções, não consegue controlá-la:

Então a criança é capaz de amadurecer secretamente, frenéticos ciúmes, ligações afectivas exclusivas, ambições mais ou menos vagas, mas exigentes. (WALLON, 1981, p. 154).

Considerações finais

Começamos esta pesquisa, procurando investigar como a afetividade vem sendo vista no campo educacional. Inicialmente, investigamos definições de alguns dicionários e alguns

artigos acadêmicos de instituições públicas federais e estaduais produzidos no período de 2020-2021, momento em que se deu o início desse trabalho.

Depois de trazer esses elementos para o artigo, optamos por continuar nossa investigação considerando Henri Wallon, para fazer a análise retórica do seu discurso. Mas antes, transitamos pelo campo da retórica, apoiando-nos em Olivier Reboul (2004) para revelar alguns dos principais aspectos sobre esta arte, a do discurso persuasivo.

Finalmente, concentramos nossa atenção e esforços, analisando o texto *A Afetividade*, de Henri Wallon (1981). Nele, procuramos realçar as metáforas e analogias que achamos mais expressivas, com o objetivo de compreender a força persuasiva dessas estratégias discursivas no pensamento de Wallon.

O percurso traçado nessa investigação, mostrou como Henri Wallon fez uso de metáforas, para defender a afetividade no seu discurso, persuadindo o leitor a concordar com ele. Como vimos, Wallon recorre, especialmente, às metáforas extraídas dos domínios da patologia, mecânica, eletricidade, física, química e domínios geográficos no seu discurso. A intenção não foi esgotar o texto, mas lançar luz, no sentido de enxergar a persuasão provocada pelas metáforas e como elas coordenam o seu discurso.

Considerando que Wallon viveu entre 1879 e 1962, e que esse período foi atravessado por muitas guerras, inclusive as mundiais, aparecimento de vários regimes totalitários, como o nazismo, fascismo e outros, perguntamo-nos se o discurso de Wallon, na busca de valorizar o afeto, foi influenciado por esse momento de frieza que a humanidade viveu. Nossa pretensão é que possamos dar continuidade a esta investigação no mestrado, levando o questionamento original deste estudo para outros textos de Henri Wallon, procurando investigar o porquê dessas influências no seu discurso.

Ficamos também, para o estudo posterior em mestrado, investigar à qual corrente pedagógica Wallon se identificava e como tal identificação influenciou o seu pensamento. Será que por usar termos da mecânica no seu discurso, ele se identificava com o mecanicismo? Por usar termos que mostram a plasticidade da emoção, ele defendia uma corrente humanista? Será que

se identificava com a corrente comportamental quando falava do meio e das relações entre indivíduos, ou, por ter contato com outros estudiosos da sua época, como Maria Montessori, Wallon se reconhecia na pedagogia montessoriana?

A construção desse trabalho exigiu um estudo prévio sobre a retórica, em especial sobre as metáforas e as analogias que, até então eu não conhecia. Embalar-me nesse mundo dos discursos foi desafiador e encantador ao mesmo tempo.

Como pedagoga, aprendi a lidar com uma nova lente textual pois, ao me deparar com os discursos, procuro enxergar, além da beleza das palavras, o poder persuasivo e o uso intencional dos termos contidos neles e qual sua força persuasiva.

A inclusão de metáforas no discurso realmente persuade ao construir imagens através de analogias e comparações e desprender da interpretação do texto, para destacar as metáforas, às vezes adormecidas pelo uso habitual, é realmente uma análise que exige um olhar centrado.

O poder da persuasão se mostra claramente através da análise retórica, pois é através desse olhar, atento, que podemos perceber as intenções do texto. Depois deste estudo, os textos ganharam uma interpretação realçada, que busca olhar primeiramente: “de onde o autor fala?”, ou seja, qual posição ele ocupa no conhecimento do assunto; em segundo lugar: “por que ele fala?”, procurando saber qual a intenção dele, e por fim, “como ele fala?” analisando as estratégias colocadas no discurso para convencer o auditório.

Uma nova esfera interpretativa foi englobada ao meu conhecimento e, com certeza, fez um sinal na minha caminhada pedagógica.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo. SP: Martins Fontes, 2007.

AFETIVIDADE. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Disponível em Dicio, Dicionário Online de Português. Porto 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/afetividade>. Acesso em 21 nov. 2021.

AFETIVIDADE. In: **Michaelis**. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. 2022. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: [Afetividade | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](https://www.michaelis.com.br/afetividade). Acesso em 25 maio 2022.

AFETIVIDADE. In **Dicionário Priberam** da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em [afetividade - Dicionário Online Priberam de Português](#). Acesso em 21 nov. 2021.

CAMÕES, Luiz Vaz de. **Amor é fogo que arde sem se ver**. São Paulo: Editora Ediouro, 1997.

CARDARELLI, G. J. J. **A afetividade no processo de desenvolvimento pleno da criança na educação infantil**. Orientador: : Prof^{fa}. Dr^a. Andréia Dutra Escarião. 2021. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, Joao Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20426> Acesso em 21 nov. 2021

DELGADO, W.C. **A importância da afetividade na relação professor-aluno: Trilhando caminhos para a aprendizagem**. Orientador: Prof. Dr. Aziel Alves Arruda. 2020. TCC Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/4598>. Acesso em 21 nov.2021

GRATIOT-ALFANDÉRY, H. **Henri Wallon**. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010 (Coleção Educadores).

GUEDES, M.J.A. **As relações afetivas entre professora, crianças e famílias no trabalho remoto: um estudo de caso na educação infantil**. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luisa Nogueira de Amorim. 2021. TCC (Graduação)-Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20577>. Acesso em 21 nov. 2021

LIMA, M.R.L. **A relação afetiva entre professor e aluno. A concepção de professor antes e durante a pandemia de Covid 19**. Orientador(a):Dr^a Aurora Camboim L. de Andrade Lula. 2020. TCC (Graduação) - Curso de licenciatura em Pedagogia, Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Lucena, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17889>. Acesso em 21 nov. 2021

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. 2. Edição. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RICCIOLLI, V. S.D. S. S. **A relevância da afetividade na educação infantil**. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sangelita Miranda Franco Mariano. 2020. TCC (Graduação). Curso de Licenciatura em Pedagogia, Instituto Federal Goiano no Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos, Morrinhos, Goiás, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/1460>. Acesso em 21 nov. 2021

SIQUEIRA, E. O; SAMPAIO, J. D. S. C. **Afetividade na Educação Infantil: A importância do afeto no processo de ensino-aprendizagem**. Orientadora: Ma. Aline Teixeira. 2021. T TCC (Graduação). Departamento de Ciências Humanas – campus IX, Universidade do Estado da Bahia, Barreiras, Bahia, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11896/1739> Acesso em 21 nov. 2021.

SOUZA, L. P. **Reflexões sobre sensibilidade e a importância da criação de espaços afetivos na escola por meio da arte**. Orientadora: Cássia Macieira 2020. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas, Universidade Federal de Minas Gerais, Contagem, Minas Gerais, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/34597>. Acesso em 21 nov. 2021.

SOUZA, M.V. **A afetividade na educação infantil com foco na relação de professora-criança**. Orientador: Prof. Dr. Alexandre Toaldo Bello Coorientadora: Prof.^a. Me. Carolina Votto. 2020. TCC (Graduação)- Curso de Pedagogia, Centro de Ciência da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/212721>.

WALLON, H. **A evolução da psicologia da criança**. 70ª Edição. Tradução de Ana Maria Bessa. São Paulo: Martins Fontes, 1981.